

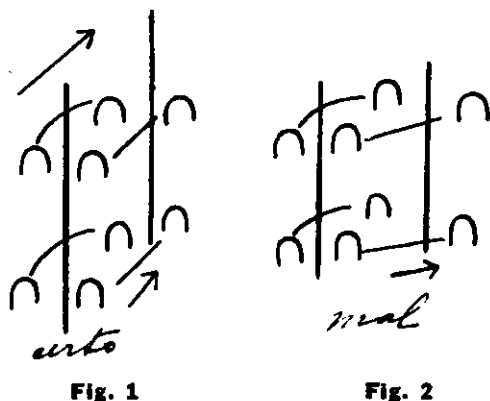
EQUITAÇÃO

Pelo **Cap. Dantas Pimentel**

3.º MÊS DE TRABALHO

As figuras ensinadas nos números anteriores estarão, sem dúvida, todas esboçadas, até mesmo podendo ser consideradas regulares, mas só nos devemos satisfazer quando estiverem *boas*, já que a perfeição é inatingível.

O *recuar* deverá ser calmo, passo a passo, mas cada passo ligado suavemente ao seguinte. É completamente falso o recuar em que o cavalo vem para trás às golfadas, com passo de arranco.



Esse movimento só tem utilidade—e a terá formidável—si for feito com engajamento dos posteriores. É por isso que aconselho, no início, a só pedir o recuar depois de um movimento em que os posteriores já tenham corrido para baixo do corpo (V. n.º 20 da Revista). O cavalo que recua desengajado, fica com a espinha cavada no rim, estaqueado e resiste à mão. O movimento é feito sem a menor harmonia e elegância.

Infelizmente, é raríssimo se ver um bom recuar nos cavalos trabalhados na época atual. Onde ver um "Preto" que, sem cair

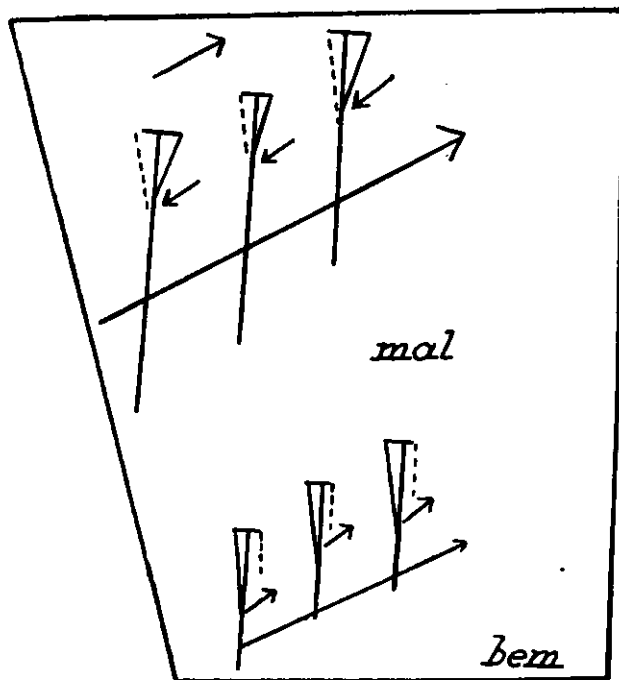


Fig. 3

na inércia, partia, do recuar, num enérgico galope, dando antes uma bela curveta?

Há certos cavalos que apresentam dificuldades ao recuar, chegando até a "bolear". Abandonada a preliminar de um sofrimento físico, o equitador vencerá rapidamente, si iniciar o recuar—de baixo. Colocado o animal na pista, com ligeiros toques de vara

na garupa, faremos os posteriores se engajarem e, com uma ação calma da mão, provocaremos o primeiro passo. Fazer alto e acariciar. Desde que desapareça o engajamento, colocar de novo na posição correta. Pedir depois de cima, sempre fazendo alto após cada passo, até que o movimento seja bem compreendido e que, numa progressão racional, cheguemos a conseguir até uns oito passos.

ESPÁDUAS PARA DENTRO:—Este movimento, de resultados maravilhosos para a educação do cavalo, tem também as suas dificuldades. É necessário que o animal esteja sempre *na mão* e para isso—impulsão e mais impulsão. Desde que desapareça o *apôio*, é sinal que os posteriores se desengajaram e não estão mais empurrando a massa para a frente. Nas figuras 1 e 2, vemos como podem ser os movimentos dos posteriores.

Em todo o trabalho de duas pistas, há para o cavaleiro a terrível dificuldade de não intervir com a rédea que deve ser passiva. Ex: si vamos ladear da esquerda para a direita, a rédea ativa deverá ser só a esquerda no 5.º efeito. A rédea direita se limita a não permitir o encurvamento exagerado do pescoço e concorrer para conseguir o recolher. Pois o comum é se ver o cavaleiro prejudicar o jôgo das espáduas, empurrando-as para a esquerda com a rédea direita no 4.º efeito (fig. 3). Isso acontece de maneira tanto mais acentuada, quanto a obediência à perna isolada é fraca. Aconselho

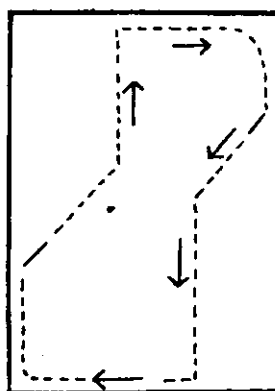


Fig. 4

a, com calma e reflexão, verificar tal fato, que perturba muito o trabalho de duas pistas. Mesmo no ladear clássico, que é feito com ajudas diagonais, convém cuidar tal defeito, nem que ele apareça somente em momentos muito curtos.

Em equitação, uma auto-crítica severíssima é indispensável, para poder progredir.

Iniciemos neste 3.º mês a pirueta direita. Há vários modos de se ensinar essa figura: todos dão bons resultados... conforme a pessoa que aplica.

Adotemos o seguinte: pista à mão direita ao passo; alto, acentuando mais o efeito da rédea de fora, no caso a esquerda. *Antes que a impulsão* se extinga, com a rédea esquerda contrária de oposição no 4.º efeito, põe do corpo sobre a nádega direita, pernas unidas, fazer um oitavo à direita, sem que o posterior direito do cavalo se mova e, *sem fazer alto*, partir em frente (fig. 4). Caso, durante o oitavo, a garupa queira se desviar à esquerda, a perna deste lado recua um pouco e se reforça da espora. Conseguindo facilmente o oitavo, atingir os 90º, depois 120º... até atingir os 180º (fig. 5).

Cuidar em não esmagar o cavalo sob o peso das ajudas, que, si muito enérgicas, jogarão o animal para o lado ou o obrigarão a recuar. É preciso que o cavaleiro tenha sempre a impressão de que sua montada está pronta a partir em frente e nunca que lhe pareça que o seu cavalo vai cair sentado.

TRABALHO AO TROTE: Insistir nas voltas e meias voltas, variando sempre os tamanhos das figuras e procurando que a cadência seja bem nítida. Nada de gestos indolentes. Ir aliviando cada vez mais a intensidade das ajudas, limitando ao *minimum* os movimentos de mão e pernas, como si o equitador desejasse ter a impressão de que o seu cavalo estava trabalhando por livre e espontânea vontade. É essa liberdade *aparente*, que traz elegância nos

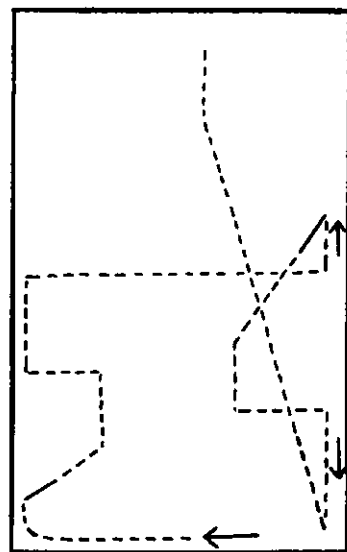


Fig. 5

gestos. Um cavalo esmagado pelo círculo de ferro das ajudas é um pobre infeliz, que nem poderá fazer brilhar as suas qualidades naturais.

Meter o cavalo no "ceder à perna", ao passo. Quando o movimento estiver fácil, aumentar a impulsão e tomar o trote durante um ou dois passos, sempre em duas pistas. Passar ao passo, ainda em "ceder à perna", depois em frente. Partir no trote elevado, uma volta de picadeiro e recomeçar.

De acôrdo com os progressos, ir aumentando os tempos de trote em duas pistas (fig. 6). A cadência do trote deve ser curta. Seguir a mesma progressão que foi seguida nesse trabalho ao passo. Ter o cuidado de olhar sempre para o ponto que se vai atingir da pista e não olhar as orelhas do cavalo.

GALOPE:—Reservar uns 15 minutos intercalados para o trabalho do galope. Melhorar cada vez mais as partidas, de modo a que o cavalo não se atravesse. Para isso, ir diminuindo o efeito da perna que dá a posição. Procurar que baste o efeito da rédea direita, para forçar a partida certa. As duas pernas serão quasi iguais no seu papel impulsionador.

Insistir umas dez vezes em partidas alternadas do passo ao galope, do passo ao trote. Cuidar de conservar as mãos bem baixas, quando a partida for ao trote. Para o galope, levantar as mãos um pouco. O cavalo rapidamente se dará conta da diferença no modo de pedir e partirá de acôrdo, pois tomará posições diferentes.

Pedir as partidas na linha do centro. Seguir *bem* em frente e tomar a mão justa (fig. 7). Fazer alto e tornar a partir.

Cortar o picadeiro: alto na linha do centro—recuar—partir certo (fig. 8). Linha quebrada—sem deixar o cavalo mudar de pé (preparação para o galope falso). Arredondar o vértice e não fazer gestos bruscos que quebrem o apóio. Para entrar na pista, usar de efeitos diretos de oposição entremeados de leves ações de 5.º efeito, afim de manter o lateral de fora atrazado. Sabemos que si um cavalo galopa à direita, por ex. e lhe fazemos sentir discretamente a ação da rédea esquerda no 5.º efeito, êle terá vontade de leadar à direita e nunca mudar o galope para a esquerda.

Ir aumentando as flexas, de acôrdo com o progresso (fig. 9). Desde que o falso galope se desenhe com facilidade na linha quebrada, executar uma meia volta ampla (fig. 10) e continuar no mesmo pé. Nos cantos, usar a rédea de dentro no 5.º efeito, prendendo todo o lateral interno e evitar qualquer tranço. Conservar o corpo flexível e a perna de dentro um pouco atrás da silha. Durante o lado grande do picadeiro, aliviar as ajudas, *mas sem quebrar o apóio*.

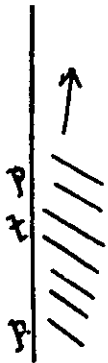


Fig. 6

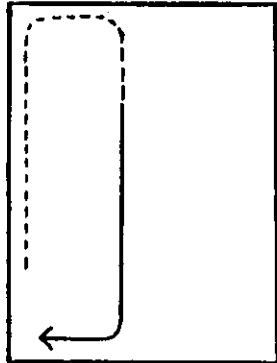


Fig. 7

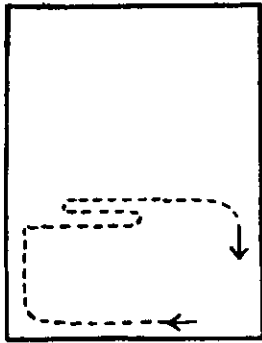


Fig. 8

Ao menor gesto brusco, o cavalo aproveitaria para mudar de pé, acertando o galope. Nesse caso, passar ao passo e recomeçar tantas vezes, quantas as necessárias. **NUNCA CORRIGIR NO GALOPE!**

O falso galope se torna de execução muito fácil, si o cavaleiro deixar que o cavalo se apoie um pouco na mão, ficando sôbre as espaldas.

SALTO:—Em liberdade: uma vez por semana. Variar o mais possível os obstáculos. Elevá-los progressivamente até 1m20 (uns dois dessa altura em cada sessão). Dar até 12 saltos, seis em cada mão.

À guia—uma vez por semana, dar salto à guia na *carriere*. Ir do fácil para o difícil. Uns seis saltos em cada sessão. Altura máxima 1m10. De preferência obstáculos de terra, sebes, muros, *apendicho*. Evitar as varas simples.

EXTERIOR:—Uma sessão por semana. A passo, trote e galope. **Duração:**—uma hora. Depois de desembaraçar o cavalo ao trote, metê-lo num galope da cadência de 400 mts. por minuto. Galopar dois minutos—passar ao passo aos poucos—alto. Observar as ilhargas. Si a respiração estiver muito agitada, retomar o passo. Si a alteração for pouca, dar mais dois minutos de galope e depois 10 de passo. O trote deve ser na cadência regulamentar. Dar tempos de 10 minutos. Procurar que o cavalo vá no trote sem a menor luta com a mão.

Saltar, a trote e galope, obstáculos naturais, até uns 12 saltos, de preferência fossos. Terminar com dois minutos de galope a 400 mts. e 300 mts. num galope da cadência de 600 mts. por minuto. 15 minutos de passo antes de mandar o cavalo para a baia.

Não forçar o galope em subidas, nem trotar muito largo, pois o trote anormal inutiliza rapidamente o cavalo.

—Quem nunca viu o campeiro que sai de manhã e num tropezo automático, em que o cavaleiro e cavalo vão com os pensamentos... longe, chegar ao pouso depois de andar 14 leguas "fresquilos no mês", prontos para recomeçar no dia seguinte?

Exemplo de uma sessão de picadeiro:

3 minutos:—Confirmação na impulsão. Alto—passo—alto—trote—alto—recuar—passo—trote elevado—trote curto—trote elevado—alto—etc.

10 minutos:—Flexionamentos laterais da garupa (rédea direita de oposição). Cortar o picadeiro:—cortar o picadeiro e mudar de mão—volta—meia volta invertida—oito de conta—serpentina.

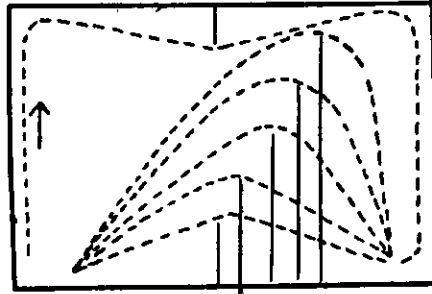


Fig. 9

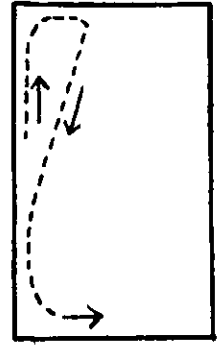


Fig. 10

Trabalho 5 minutos a passo e 5 minutos a trote.

10 minutos:—Flexionamento das espaldas (rédea contrária de oposição). Cortar o picadeiro:—cortar e mudar de mão—volta—meia volta—oito—serpentina.

Cinco minutos a passo e cinco a trote.

5 minutos:—Partidas a galope, num pé e noutro. Cinco em cada pé.

7 minutos:—Piruetas. Inversa e direta. Cinco vezes cada uma.

10 minutos:—Trabalho de duas pistas. A passo e a trote. Cinco cada.

10 minutos:—Todo o trabalho de galope ensinado.